

Com uma edição de Setembro de 2006, o livro *The Future of Europe - Reform or Decline*, dos professores Alberto Alesina e Francesco Gavazzi, apresenta uma caracterização da situação económica da Europa bastante realista e, como tal, desmistifica algumas ideias comuns e traça um quadro relativamente negro, sobretudo tendo como termo de comparação os Estados Unidos. No livro os autores especificam que se referem sempre à Europa Ocidental, hoje União Europeia.

A principal ideia veiculada na obra é a necessidade de reformas, num vasto conjunto de domínios. “Sem reformas sérias, profundas e abrangentes, a Europa irá entrar num declínio inevitável, tanto económico como político”. No fundo, estabelece-se uma relação entre poderio económico e poderio político, no sentido em que a realidade tem provado que um declínio na capacidade económica de um Estado implica uma perda de influência política, que se manifestará mais cedo ou mais tarde. O mesmo se passa em sentido oposto: a uma grande capacidade económica corresponde uma grande capacidade política.

Neste sentido, os autores constataam a inadequação da composição de algumas das instituições internacionais, nomeadamente a do Conselho de Segurança das Nações Unidas e a do G7 (agora G8). Além disso, os efeitos nefastos de um declínio económico poderão manifestar-se também a outros níveis, por exemplo no que diz respeito à inovação tecnológica. Como foi referido por Francesco Gavazzi na apresentação do livro em Lisboa, isto não significa que determinados países que hoje são ricos (por exemplo a Alemanha, França ou Itália) se tornem imediatamente pobres. Simplesmente, no médio prazo, tornar-se-ão irrelevantes na cena política internacional, cedendo o seu lugar a países com economias mais dinâmicas e saudáveis. Deve ter-se presente o que sucedeu com a Argentina, uma das economias mais prósperas nos inícios do século XX, mas que, em virtude da não adaptação do seu modelo económico às novas exigências do mercado, acabou por colapsar na transição para o século XXI.

A questão que deve colocar-se é: como foi que a situação se inverteu? Porque é que a Europa, caso exemplar de recuperação económica (no pós-Guerra), não tem conseguido acompanhar o desenvolvimento económico de outras potências? Os autores avançam com um conjunto de justificações, de natureza muito diversa, mas que se complementam entre si. Uma delas prende-se com o número de horas que os europeus passam a trabalhar, em comparação, por exemplo, com os norte-americanos. No capítulo intitulado “Americans at Work, European on Holiday”, fica demonstrada a ideia de que os europeus trabalham muito menos horas/ano que os americanos. Apesar de os europeus apresentarem, em média, níveis de produtividade superiores, este factor contribui decisivamente para que o PIB europeu permaneça abaixo do americano.

O papel da Inovação

Ao longo do livro, são abordadas algumas dimensões da situação económica de uma União Europeia que teve dificuldade em transitar de um modelo tecnológico de “*imitação*” para um modelo tecnológico de “*inovação*”.

De facto, se o crescimento económico europeu no imediato pós-Guerra se baseou, em certa medida, no uso e aproveitamento de tecnologia, importa assinalar que, de acordo com os autores, estes recursos tecnológicos baseavam-se em modelos preexistentes, e não em *inovação*. Deste modo, à medida que a tecnologia de *imitação* se foi aproximando dos modelos originais, chegando ao “limiar da

tecnologia”, colocou-se a necessidade de fazer a transição para uma fase em que a *inovação* seria o principal vector da tecnologia europeia.

E foi nessa altura que a Europa não conseguiu fazer a transição. Tendo tido início na décadas de 70 e 80, esta fase demonstrou que a inovação deve ser objecto de uma abordagem global europeia, e não apenas de forma individual por cada Estado membro. O Japão é outro exemplo de um país que encontrou dificuldades em transitar de uma fase para a outra, e desde a década de 90 tem vindo a sentir a mesma incapacidade, que acaba por se reflectir decisivamente no estado económico do país. Os autores defendem que o papel principal no desenvolvimento tecnológico deverá ser desempenhado pelas universidades, campo onde se nota também um grande fosso entre os dois lados do Atlântico.

É ainda nesta vertente da inovação que se encontra outra ideia interessante, relacionada com as indústrias militares e de defesa. Com efeito, esta é uma área que requer o emprego de tecnologia de ponta, e que, por isso mesmo, só está ao alcance dos países que apresentam maior capacidade económica. Deste modo, sendo uma manifestação de saúde económica, acaba por reflectir-se em incremento de capacidade político-militar.

Relações com a Agenda de Lisboa

Fazendo estas considerações sobre o estado da economia europeia, os autores questionam-se se a União Europeia será o melhor modelo para conduzir a retoma da economia europeia. No fundo, perguntam: será a UE a solução? A resposta é *sim* e *não*. Sim, na medida em que há áreas da integração económica europeia que resultaram: especificamente, a criação do mercado único e o desenvolvimento de uma política de concorrência. Neste sentido, a UE, de facto, *poderá* ser parte da solução, mais do que parte do problema, sobretudo se a moeda única for efectivamente um factor gerador de mais concorrência. A resposta será *não* se prevalecer a falta de coordenação entre os Estados membros, e se a deriva regulatória de Bruxelas coarctar as leis do mercado.

A outra possível “solução” poderá vir da correcta implementação do programa de reformas previsto pela Estratégia de Lisboa. Efectivamente, tendo como principal ideia a aposta no conhecimento e na inovação como forma de melhorar a produtividade, a Agenda de Lisboa parece poder responder às necessidades europeias identificadas. No entanto, os autores apontam algumas insuficiências à forma escolhida para a implementação deste conjunto de reformas:

- Em primeiro lugar, o Programa da Estratégia de Lisboa apresenta um conjunto demasiado grande de objectivos; ainda que as linhas gerais estejam bem definidas, a verdade é que um elenco tão vasto de objectivos implica necessariamente uma escolha por parte dos Estados membros. Já que é muito difícil cumprir todas estas metas, terá de optar-se por uns, em detrimento de outros, o que dificulta a harmonização a nível comunitário;
- Depois, a existência de enormes disparidades sociais, políticas e económicas entre os Estados membros requeria objectivos diferentes entre si, que se deveriam adaptar às condicionantes de cada um, e não um conjunto abrangente de medidas que não se adaptam da mesma forma a cada uma dessas realidades.

Ainda relacionado com este tema está a questão do modelo social europeu, abordada no primeiro capítulo do livro, onde os autores se debruçam sobre as diferenças entre os vários modelos sociais europeus (não existe *um* modelo social europeu, mas sim vários) e o que vigora nos Estados Unidos. Defendem que os europeus poderiam aprender muito com o sistema americano, não obstante as insuficiências que este apresenta, nomeadamente ao nível do sistema de saúde. O princípio que vigora no mercado do trabalho, *less protection of jobs, more protection of workers*, deveria ser mais implementado na União Europeia (apesar de já o ser em alguns Estados membros, como a Dinamarca e, ao que tudo indica, também Portugal, num futuro próximo).

Em suma, este conjunto de reflexões por parte de Alberto Alesina e de Francesco Giavazzi vem trazer mais alguma luz sobre a conturbada situação económica de uma União Europeia que parece pouco disposta a proceder às reformas necessárias para inverter este cenário.

Alesina, Alberto and Gavazzi, Francesco (2006) *The Future of Europe - Reform or Decline*, MIT Press.

Alberto Alesina é Professor Nathaniel Ropes de Economia Política na Universidade de Harvard. É co-autor (com Enrico Spolaore) de *The Size of Nations* (MIT Press, 2003)

Francesco Giavazzi é Professor de Economia na Universidade de Bocconi e Visiting Professor do MIT. É co-autor (com Alberto Giovannini) de *Limiting Exchange Rate Flexibility: The European Monetary System* (MIT Press, 1989).

A apresentação deste livro teve lugar na Representação em Portugal da Comissão Europeia no dia 14 de Dezembro, e, para além de Francesco Giavazzi, contou ainda com a presença do Director do IEEI, Álvaro de Vasconcelos, e do Professor Luís Brites Pereira, investigador e Docente da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa.